

**Design e narrativa: interconexões e transmidialidade no jornalismo***Design and narrative: interconnections and transmediality in journalism*Daniela Martins Barbosa COUTO<sup>1</sup>João Vitor Brandão SILVA<sup>2</sup>**Resumo**

Neste artigo, discute-se a construção da narrativa transmídia no jornalismo, considerando o papel do design da informação no processo. Para isso, há reflexões sobre os conceitos de narrativa, na perspectiva de BENJAMIN (1987); de transmídia, segundo SANTAELLA (2018); e de design da informação, conforme considerações de JORENTE (2020). Feito isso, busca-se observar como tais conceitos podem ser percebidos em duas matérias publicadas em 2024 pelo portal do Jornal Estado de Minas. Após as discussões, avalia-se que a narrativa transmídia no jornalismo pode se constituir por meio de duas maneiras: texto-base ou tema-base. Em ambos os casos, o estudo observa que o design da informação deve estar integrado no processo para melhor adequação de linguagens e mídias.

**Palavras-chave:** Design da informação. Jornalismo transmídia. Narrativa jornalística. Tema-base. Texto-base.

**Abstract**

This article discusses the construction of transmedia storytelling in journalism. For this, see the role of information design in the process. There are reflections on the concepts of narrative, according to BENJAMIN (1987); of transmedia, according to SANTAELLA (2018); and of information design, according to JORENTE (2020). After, it is observed how these concepts can be perceived in two articles published in 2024 by the Jornal Estado de Minas portal. Then, is evaluated that transmedia storytelling in journalism can be constituted in two ways: base text or base theme. In both cases, the study observes that information design must be integrated into the process to better adapt languages and media.

**Keywords:** Information design. Transmedia journalism. Journalistic narrative. Base theme. Base text.

---

<sup>1</sup> Doutora em Design. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS – Campus Passos. Coordenadora do projeto de pesquisa “Design da informação e transmídia: perspectivas para a narrativa jornalística” Edital nº19/2023/PAS/IFSULDEMINAS. E-mail: daniela.couto@ifsuldeminas.edu.br

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Tecnologia em Produção Publicitária (IFSULDEMINAS – Campus Passos) Bolsista de Iniciação Científica do IFSULDEMINAS. E-mail: joao.brandao@alunos.ifsuldeminas.edu.br

## Introdução

No ecossistema midiático, percebe-se um cenário em que a produção e o consumo de conteúdos, impulsionados pelo uso da inteligência artificial (IA), se ampliam de forma cada vez mais dinâmica, multiplataforma, automatizada e ubíqua. No jornalismo, tal cenário agiliza o levantamento e o cruzamento de dados, retornando grande quantidade de informações em tempo real, e se torna uma importante fonte tanto de pesquisa e apuração, quanto de produção e distribuição. Tanto é que o uso da IA nas redações tem sido pauta de diretrizes e políticas editoriais em diferentes veículos, no Brasil e no mundo<sup>3</sup>.

Mas, conforme aponta GOMES (2024), o fator humano no processo continua presente e essencial. Nessa medida, o uso da IA contribui para otimizar o tempo e a atividade, podendo contribuir para que o jornalista passe do relato e anúncio do fato à humanização e aprofundamento das histórias. Isso permite que o jornalismo se reencontre com a narrativa, entendida aqui conforme reflexões de BENJAMIN (1987, p.198), ou seja, aquela que é tecida através das experiências, pois “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”.

Junto a isso, pode-se observar que o design da informação também desempenha uma função importante na construção das narrativas e amplia o fazer jornalístico na medida em que alia conteúdo e forma, considerando, também, o jornalismo multiplataforma. Logo, tem-se a possibilidade de explorar as linguagens de cada mídia para potencializar aspectos específicos da pauta, e, não apenas, replicar o mesmo conteúdo em diferentes canais, o que, por sua vez, é uma estratégia conhecida como crossmedia<sup>4</sup>. Diante disso, esta pesquisa busca compreender as possibilidades de construção de narrativas jornalísticas transmídia e questiona como o design da informação pode ser utilizado para enriquecer tanto a experiência do público quanto a relevância dos conteúdos jornalísticos. A hipótese é de que a junção entre as áreas pode

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/inteligencia-artificial/os-manuais-de-uso-de-inteligencia-artificial-tem-um-elemento-em-comum-o-jornalista-humano-e-indispensavel/>>. Acesso: 21 jan.2025.

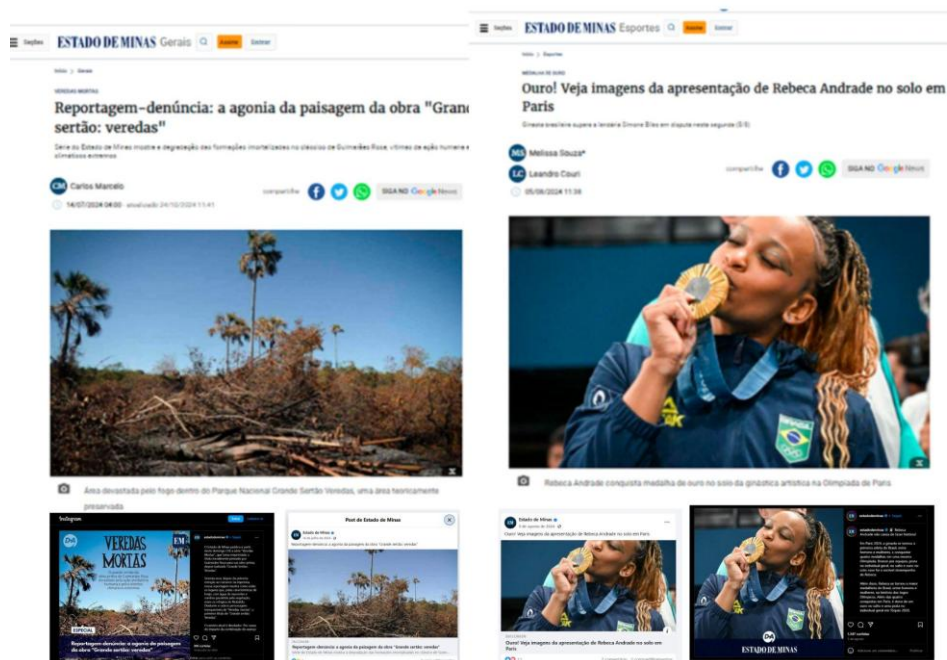
<sup>4</sup> “Crossmedia é um processo que distribui uma mesma narrativa entre diferentes segmentos de mídia” (ROCK CONTENT, 2021, s.p.).

contribuir para diversificar os ângulos de abordagem, gerar destaque gráfico e visual, aprofundar as histórias e humanizá-las, tendo em vista ainda que:

Transmídia é o termo utilizado para designar as técnicas de desdobramento de uma narrativa em múltiplas plataformas, sendo que cada uma destas contribui, a partir de suas características intrínsecas, para leituras que funcionam de maneira independente e, ao mesmo tempo, conectadas às demais (SANTAELLA *et.al.*, 2018, p.9).

Assim, as informações poderiam se desdobrar em histórias que trouxessem contextualizações e experiências humanas, com perspectivas diferentes sobre o tema, observando também qual meio seria mais adequado para cada narrativa. E para discutir isso, este estudo considerou a metodologia qualitativa, que trabalha com o universo de significados, conforme MINAYO (2002), e o recorte abrangeu duas matérias e quatro *posts* publicados pelo portal do jornal Estado de Minas (FIG.01)

Figura 1: Recorte do estudo



Fonte: Portal, Instagram<sup>5</sup> e Facebook<sup>6</sup> do Jornal Estado de Minas, 2024.

Para observação dos conceitos discutidos na revisão bibliográfica, tais como narrativa, transmídia e design da informação, o recorte (FIG.1) se concentrou nas

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/estadodeminas/p/C9Z-LVjs3F5/>>. Acesso: 21 set.2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/EstadodeMinas>>. Acesso: 21 set.2024.

publicações feitas no portal e compartilhadas em dois perfis de redes sociais do veículo (Facebook e Instagram): uma factual, referente à matéria “Ouro! Veja imagens da apresentação de Rebeca Andrade no solo em Paris”<sup>7</sup>, sobre as Olimpíadas, publicada em 5 de agosto de 2024; e, outra, não-factual, composta pela reportagem-denúncia “A agonia da paisagem da obra *Grande Sertão: Veredas*”<sup>8</sup>, veiculada em 14 de julho do mesmo ano. Foram selecionados também dois *posts* referentes a cada matéria, sendo um do perfil do Instagram e, outro, do perfil do Facebook, a fim de comparar como a fotografia e o conteúdo textual foram desenvolvidos em cada caso.

As duas matérias foram descritas e comparadas, a fim de observar como foram construídas, de que forma abordaram os fatos, como foram compartilhadas nas redes sociais Facebook e Instagram, como foi o engajamento e se a transmidialidade poderia ou não ser observada. E é assim, na interação entre redação jornalística, narrativa transmídia e design da informação que este artigo se desenvolve.

### Conceitos e interações

O jornalismo pós-industrial, marcado por uso de IA e automatização de processos, por exemplo, se caracteriza também, considerando reflexões de ANDERSON *et al.* (2013), por uma produção jornalística em fluxo contínuo, de modo que as atividades humanas e tecnológicas não apenas coexistem, mas também se integram. O jornalista torna-se mediador entre dados e histórias, entre algoritmos e públicos, ao mesmo tempo em que traduz, investiga e narra os acontecimentos. Há, pois, nesse contexto, uma transformação, inclusive, no modo como as notícias são escolhidas.

Os critérios de noticiabilidade discutidos por ERBOLATO (2003), como novidade, competição, descobertas e invenções, interesse público e humano, ineditismo, raridade, humor, entre outros, ainda fazem parte do dia a dia das redações, mas, a seleção considera também o que o público busca consumir e escolhe, e os *trends topics* se tornam

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.em.com.br/esportes/2024/08/6913501-ouro-veja-imagens-da-apresentacao-de-rebeca-andrade-no-solo-em-paris.html>>. Acesso: 21 set. 2024.

<sup>8</sup> Disponível em: <[ANO XXI. N. 7. JULHO/2025 – NAMID/UFPB <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index> 99](https://www.em.com.br/gerais/2024/07/6897427-reportagem-denuncia-a-agonia-da-paisagem-da-obra-grande-sertao-veredas.html#:~:text=Nossos%C3%B3rteres%20se%20depararam%20com,da%20regi%C3%A3o%20tamb%C3%A9m%20foram%20extirpadas.&text=Al%C3%A9m%20disso%2C%20as%20queimadas%20acentuam,des%C3%A9rtico%20e%20in%C3%B3spito%20no%20ecossistema.>. Acesso: 21 set.2024.</p></div><div data-bbox=)

também uma fonte de consulta de assuntos que estão em destaque. Antes, predominava o conceito de *gatekeeping*, e era a comunidade jornalística que definia o que seria notícia ou não e, hoje, tem-se também o *gatematching*, contexto em que a participação ativa do público é considerada tanto na definição de pautas quanto na coprodução e disseminação de conteúdos. São, pois, traços e retratos da cultura participativa descrita por JENKINS (2009).

Tal dinâmica influencia diretamente a seleção e a propagação do que será noticiado, bem como o uso da IA nas redações, automatização dos processos, ubiquidade da informação. Por outro lado, tal contexto pode ser usado a favor do jornalista na medida em que ele explora tais recursos e ferramentas para melhorar a apuração, otimizar seu tempo, gerar engajamento e poder buscar fontes primárias, ou seja, pessoas cujas experiências e vivências possam contribuir para dar vida àquelas informações.

Quanto à construção do texto, há de observar também que as os manuais de redação jornalística<sup>9</sup> trazem, praticamente, os mesmos pressupostos: objetividade, clareza, precisão, cuidado com a sintaxe e semântica, imparcialidade, simplicidade, frases na ordem direta, além das questões de escaneabilidade do texto, lead e o uso das técnicas da pirâmide invertida, pirâmide deitada, entre outras orientações. Mas, discutir a redação jornalística tendo em vista a aplicação de estratégias que unem transmidialidade e design da informação no jornalismo, é um modo de pensar o texto considerando a interação entre conteúdo, mídias e expressões gráfica, visual, audiovisual e sonora, o que pode promover narrativas mais humanizadas, completas e contextualizadas, atrativas e criativas.

O design da informação é um processo, assim como a escrita e, na construção de uma narrativa transmídia, ele se faz presente em todas as etapas da atividade jornalística, passando pela pauta e pesquisa até a redação e compartilhamento. Essa mudança de perspectiva requer uma visão sistêmica da história a ser contada, bem como planejamento de conteúdo, pois pressupõe considerar as formas de expressão (textos, vídeos, áudios, infografias), suas interações – embora interdependentes –, e os meios de compartilhamento, a fim de promover a significação do fato.

JORENTE (2020) define o design da informação como uma subárea do design gráfico que programa e apresenta visualmente conteúdos, informando e instruindo de

---

<sup>9</sup> ESTADÃO. Manual de Redação. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais?srsId=AfmBOooDQt0unNbwcpAyJoMeCiLQaSrOo9neBu9Czw189LedjpOR9QLt>>. Acesso: 18 nov. 2025.

forma clara e atraente. O foco está na organização e compartilhamento eficiente de informações, e considera que a clareza e a acessibilidade do conteúdo são influenciadas pela forma com que elementos como textos, imagens, títulos e subtítulos são estruturados. Dessa maneira, abrange um processo contínuo de criatividade, tomada de decisões que envolve, além de soluções, convergência de linguagens e estratégias, bem como o planejamento da comunicação para facilitar a tomada de decisões e melhorar a experiência do usuário.

Essa abordagem, aliada à narrativa transmídia, pode contribuir para expandir as histórias na medida em que trabalha as linguagens das diferentes mídias, considerando a melhor forma de apresentar o conteúdo. Os produtos gerados são autônomos, e, ao mesmo tempo, inter-relacionados, pois podem se complementar, o que promove a criação de conteúdos mais completos e engajadores, ampliando o alcance e a profundidade das reportagens. Para JENKINS (2009), a transmídia cria experiências complementares e imersivas, e a cultura da convergência, descrita pelo autor, reforça esse tipo de narrativa como um modelo de contar histórias em que cada plataforma contribui de maneira única para o enredo, incentivando o público a explorar múltiplos aspectos de um tema ou universo.

Há de considerar também a reflexão de BENJAMIN (1987) sobre a narrativa: para ele, diferente da informação, a narrativa traz consigo elementos que envolvem o outro na sua tessitura, pois, através dela torna-se possível intercambiar experiências. Assim,

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele, e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e mesmo depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1987, p.204).

Também por isso, a humanização das histórias torna-se estratégica, resgatando o papel do narrador descrito por BENJAMIN (1987): aquele que narra a experiência e a transforma em vivências, que podem ser lembradas, recontadas, compartilhadas porque têm, na matéria humana, o fio condutor das histórias. Mas, atualmente, como elas têm sido contadas? É sobre isso a discussão do próximo tópico.

## Linguagens e construções

SANTAELLA *et. al* (2018, p.9) busca “resgatar a natureza poética e criativa da transmídia, trazendo a questão da linguagem ao cerne da discussão”. Nas palavras dos autores, trata-se de algo que vai além da “simples transposição de mídias”. Com isso, percebe-se que a linguagem da mídia e aquilo que a constitui enquanto meio de expressão – desde o conteúdo e a construção do discurso, seja ele verbal, audiovisual ou multimídia, até elementos de tipologias, formato de imagens, organização textual, contexto discursivo, aspectos de interatividade – contribui para avaliar se uma produção é cross ou transmídia. No caso das matérias aqui recortadas, as publicações foram feitas em três mídias diferentes - Portal, Facebook e Instagram –, mas todas compartilham da linguagem do webjornalismo.

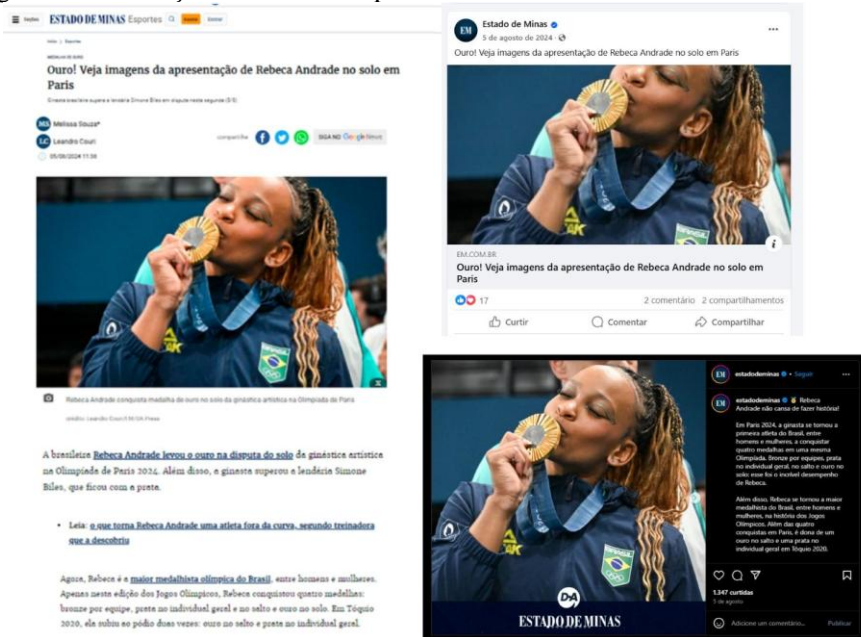
Segundo CANAVILHAS (2014), ela se caracteriza pela hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade. De forma bem resumida, pode-se entender a hipertextualidade como a interconexão e expansão de textos através de *links*; a multimídia, como a convergência de vários formatos de mídias para narrar o fato jornalístico; a interatividade, como a capacidade de fazer o leitor ou usuário se sentir parte do processo; a memória, como acúmulo e acesso a informações de forma tecnicamente viável e ágil; a instantaneidade, como o efeito de rede e a possibilidade de compartilhar conteúdos em tempo real; a personalização, que se refere à disponibilização e acesso a conteúdos customizados conforme o interesse do público; e, a ubiquidade, enquanto a presença online contínua, em qualquer lugar.

O portal e os perfis no Instagram e no Facebook do jornal Estado de Minas estão interconectados. A matéria principal – que, também pode ser entendida como texto-base –, ou seja, aquele primeiro texto que aborda o fato em determinado período, lugar e ângulo, é publicada no portal, seguindo os princípios da linguagem jornalística para web, tais como escaneabilidade, parágrafos em blocos, uso de hipertexto através de *links* embutidos e externos, desdobramento e ampliação de conteúdo, e recursos multimídias. Já as redes sociais atuam como parte da disseminação das matérias, com poucas diferenças de abordagem em relação ao texto-base do portal, mas reforçam a presença digital, a sensação de interatividade e a de geração de engajamento.

Tais aspectos podem ser percebidos nos dois temas recortados para este estudo. Uma delas é a publicação do dia 5 de agosto de 2024 (FIG.2), que traz a conquista da

medalha de ouro, na modalidade Solo das Olimpíadas de Paris, pela ginasta Rebeca Andrade, que alcançou a melhor nota da competição.

Figura 2: Publicações sobre a conquista da medalha de ouro de Rebeca Andrade



Fonte: Portal, Instagram<sup>10</sup> e Facebook<sup>11</sup> do Jornal Estado de Minas, 2024.

A matéria “Ouro! Veja imagens da apresentação de Rebeca Andrade no solo em Paris” traz, logo no título, o imediatismo: o substantivo ouro forma uma frase nominal finalizada com o ponto de exclamação e é seguido do verbo ver no presente (veja) que, por sua vez, demarca o fato e aponta para os registros visuais do acontecimento. A fotografia de Rebeca, autoexplicativa, compõe a página, também direcionando o olhar do leitor para a o título. Os demais desdobramentos se dão por meio das fotos já anunciadas e de informações verbais sobre como o ouro foi obtido. A mesma fotografia é replicada nos perfis do Instagram e no Facebook que, por sua vez, traz também o mesmo título da matéria. Nessa mídia, foram apenas 17 reações.

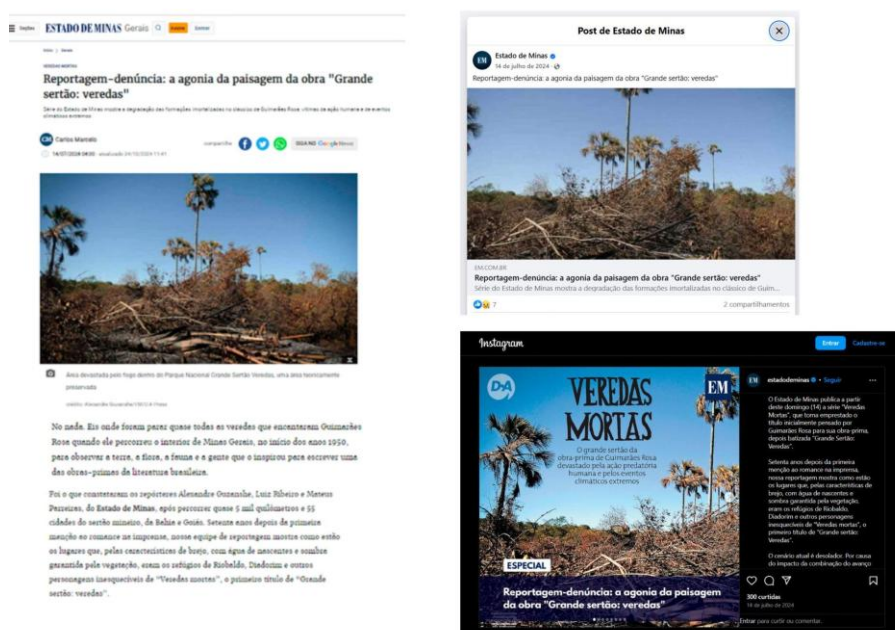
Já no Instagram, o texto da legenda traz praticamente o mesmo conteúdo da matéria do portal, só que resumida e com alteração na ordem das frases, e conta com 1.347 reações (curtidas). Ambas as mídias digitais direcionam o usuário para o portal. Nele, a conquista do ouro é detalhada, utilizando recursos de hipertexto para enriquecer

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/estadodeminas/p/C9Z-LVjs3F5/>>. Acesso: 21 set.2024.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/EstadodeMinas>>. Acesso: 21 set.2024.

a narrativa e *links* embutidos e externos que exploram diferentes aspectos relacionados ao tema principal, tais como outras matérias sobre as olimpíadas de Paris 2024 e relatos de outras vitórias de esportistas brasileiros. Os textos são autônomos, ou seja, têm sentido por si só, mas se relacionam com a questão da ginástica artística e das olimpíadas. A outra matéria foi a “Reportagem-denúncia: a agonia da paisagem da obra *Grande Sertão: veredas*” (FIG.03), primeira da série especial “Veredas mortas”.

Figura 3: Publicações sobre a “Reportagem-denúncia”



Fonte: Portal, Instagram<sup>12</sup> e Facebook<sup>13</sup> do Jornal Estado de Minas, 2024.

A reportagem baseia sua construção na comparação entre o cenário real observado pela reportagem, em 2024, e aquele descrito no romance de João Guimarães Rosa, publicado na década de 1950. Pode-se observar que o título e a imagem principal da reportagem-denúncia também são replicados no perfil do Facebook do jornal Estado de Minas e obteve sete reações apenas.

Já no perfil do Instagram, a publicação teve 300 reações e há algumas diferenças na forma da construção do conteúdo: a fotografia deixa de ser autoexplicativa para ganhar mais significação, na medida em que se relaciona com outros elementos sobrepostos. Ela tem o enquadramento mais fechado e os buritis atuam como moldura que leva o olhar do

<sup>12</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/estadodeminas/p/C9Z-LVjs3F5/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/estadodeminas/p/C9Z-LVjs3F5/?img_index=1)>. Acesso: 21 set.2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/EstadodeMinas>>. Acesso: 21 set.2024.

leitor para os galhos secos no chão; o nome da série – Veredas Mortas –, grafado em preto, com tipologia serifada e hastes e contornos irregulares, contrasta com o fundo azul do horizonte e conota desequilíbrio. O subtítulo - o grande sertão da obra-prima de Guimarães Rosa devastado pela ação predatória humana e pelos eventos climáticos extremos –, centralizado, grafado sem serifa e em tipologia moderna, também contrasta com o título, ao mesmo tempo que o sustenta, reforçando o motivo do fim das veredas. Nesse caso, pode-se observar que o design da informação conseguiu gerar mais sentido para a informação e destaque visual para o fato representado. Já a legenda, traz a explicação sobre a série, contextualizando-a.

Quanto ao conteúdo, observa-se que a reportagem utiliza o contexto do livro, cuja primeira edição data de 1956, e lugares nele citados para elaborar a comparação com a realidade apurada pelos jornalistas em 2024. O romance descreve o sertão como um lugar repleto de paisagens com chapadões, cursos d'água, como o rio São Francisco e o D'Janeiro, que é um de seus afluentes, buritis e veredas. Conforme COSTA (2006), a escrita do livro contou com registros e anotações sobre a fauna, flora, expressões e termos que João Guimarães Rosa conheceu durante uma viagem de 10 dias que ele fez junto a uma comitiva de boiadeiros, pelo sertão mineiro, entre Cordisburgo e Araçuaí, no interior de Minas Gerais.

Tendo a obra como referência, a reportagem denuncia que a paisagem do sertão mineiro sofreu transformações drásticas devido à exploração econômica desordenada e aos impactos de eventos climáticos extremos. Repórteres percorreram trechos citados na obra *Grande Sertão: Veredas*, e compararam a realidade atual com a descrita no romance. Essa investigação revelou um panorama alarmante: áreas antes caracterizadas por buritis e vegetação nativa foram devastadas, com muitas árvores substituídas por eucaliptos, resultando em cenários descritos como “lugares de terra queimada”.

A reportagem é interpretativa, intercala trechos da obra com as informações apuradas para criar um paralelo entre os dois contextos e utiliza elementos do romance para destacar as mudanças no bioma. Um exemplo disso é a referência à expressão “nonada”<sup>14</sup>, primeira palavra que inicia o romance e que, reescrita no primeiro parágrafo da reportagem, tem sua grafia alterada para “No nada”. Isso leva a uma outra significação: no romance, é o narrador acalmando aquele que o ouve: “Nonada. Tiros que o senhor

---

<sup>14</sup> Na linguagem oral, “Nonada” pode ser entendida como a aglutinação dos termos “não é nada”.

ouviu foram de briga de homem não. Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego” (ROSA, 2019, p. 13). Já na reportagem, grafado de forma separada - No nada -, a expressão reforça a ausência de algo e simboliza a perda da paisagem.

A reportagem contém personagens, infografia, fotos e vídeos que expandem e complementam as informações, além de contextualizar a devastação do sertão. Há, também, *links* que direcionam para conteúdos correlatos e inter-relacionados com a série. Os conteúdos acessados por meio deles são também autônomos, e seguem um padrão informativo, com elementos multimídia similares, como vídeos e imagens, para aprofundar a análise. Nela, percebe-se que a narrativa foi mais desenvolvida e aprofundada. Nessa medida, observa-se que a diferença de uma reportagem para a outra, bem como seu compartilhamento em redes sociais, está no modo como as linguagens são trabalhadas, inclusive, a do design.

### **Caminhos da narrativa**

Ao contrário da notícia factual sobre Rebeca Andrade, que prioriza objetividade ao cobrir os desdobramentos dos jogos olímpicos, e alcançou um impacto significativamente maior e mais ativo nas redes sociais, a reportagem sobre o sertão mineiro se distingue pelo tom interpretativo e, ainda, pelo menor número de curtidas no perfil do Instagram: foram apenas 300 contra 1347 reações. Com isso, pode-se inferir que o compartilhamento nas redes sociais, considerando a instantaneidade do meio, tende a gerar mais reações quando o conteúdo é acompanhado de repercussão do fato em outras mídias e veículos, como sites e TV, junto a critérios de noticiabilidade observados no recorte feito, como novidade, competição, interesse humano e público.

Quanto ao design da informação, ambas usam as fotografias do mesmo modo autoexplicativo ou ilustrativo e seguem o grid hierárquico na organização do conteúdo, tanto no portal quanto nos perfis de mídias sociais, com exceção do *post* no Instagram sobre a série “Veredas Mortas”, que se destaca pela composição visual. As reportagens sobre a conquista do ouro nas olimpíadas por Rebeca Andrade e sobre a paisagem de *Grande Sertão: Veredas* têm em comum a valorização da cultura brasileira e o destaque para elementos que constroem essa identidade, em diferentes contextos. A vitória da ginasta mostra o talento brasileiro no esporte e comemora a garra do brasileiro para enfrentar os obstáculos e vencer, enquanto a denúncia sobre *Grande Sertão: Veredas*

destaca a importância do sertão, da literatura nele inspirada e do seu bioma para a cultura e identidade de um Estado, ao mesmo tempo que critica e denuncia a exploração desenfreada que acontece nessa região atualmente, comprometendo os escassos recursos naturais.

Assim, no recorte observado, a estratégia crossmídia se faz presente para divulgar o conteúdo das reportagens, tendo em vista que se trata do mesmo material tanto no portal, quanto nas redes sociais. No entanto, ao se perceber as temáticas em suas abordagens e ampliações, inclusive em outros veículos, pode-se considerar que os temas geraram narrativas transmídias, pois há o desdobramento dos fatos em diferentes mídias, perspectivas, coberturas e enquadramentos, o que é impulsionado, em especial, pela hipertextualidade.

Ambas as reportagens contam histórias que, de uma forma ou de outra, despertam a atenção dos públicos, seja de um modo mais geral – a representação do país através da conquista de um ouro nas olimpíadas –, ou mais singular – a questão ambiental que assola uma região do interior de um Estado. Ambas trazem elementos humanos na tessitura das histórias, em contextos que, ora se aproximam, ora se distanciam, seja na superação de obstáculos e experiências de vida, seja nas conquistas e derrotas, bem como, na resistência para seguir, tanto nas quadras do esporte, quanto nas estradas do sertão. E isso gera humanização para as histórias que deixam de ser apenas relatos para se tornarem narrativas.

### **Considerações finais**

Diante das discussões aqui desenvolvidas, pode-se observar que a narrativa transmídia no jornalismo se apresenta de formas distintas: uma, quando é gerada por um texto-base e, outra, por um tema-base. A narrativa transmídia gerada por um texto-base faz parte do planejamento de produção de um veículo multiplataforma e se estrutura a partir de uma pauta com desdobramentos organizados previamente, aliados a um design da informação que, embora específico para cada produto a ser gerado, permite manter as interações e a identidade da produção. Nesse caso, a série “Veredas mortas” seria um exemplo, considerando não só o conteúdo da web, mas o do jornal impresso.

Outra forma pela qual a narrativa transmídia se apresenta no jornalismo é quando os conteúdos são gerados de forma orgânica, como no caso da cobertura sobre o ouro de

Rebeca Andrade nas olimpíadas. Nesse caso, não há um planejamento nem identidade ou texto-base sobre o qual os demais vão partir, mas, sim, um tema-base que ganha repercussão na mídia e engajamento nas redes, e é pautado por vários veículos. Em tal contexto, a transmidialidade se caracteriza por uma questão de linguagem, abordagem e conteúdo que se diferencia de veículo para veículo, de mídia para mídia.

Em ambas as formas, a construção de narrativas transmídias estão relacionados ao design da informação que atua tanto na estrutura, organização e hierarquização das informações em cada mídia, quanto nas questões de composição visual, gráfica e audiovisual, definindo qual conteúdo fica mais adequado para cada linguagem e mídia. Além disso, outra possibilidade para explorar o design da informação nessas narrativas é o uso de formatos interativos. Recursos como enquetes, chamadas para ação e espaços de debate nos próprios conteúdos jornalísticos incentivam a participação do público e prolongam a relevância da notícia. Ferramentas como *stories*, vídeos ao vivo e fóruns de discussão podem transformar o consumo passivo de informação em um processo mais dinâmico e colaborativo.

O jornalismo pós-industrial exige uma adaptação constante às novas formas de consumo, equilibrando profundidade e acessibilidade. A produção de conteúdo deve considerar tanto a agilidade que a IA promove, a automatização de processos, quanto a humanização, credibilidade e o aprofundamento que a integração das diferentes mídias pode proporcionar. Com uma abordagem transmídia e humanizada, é possível ampliar o impacto das reportagens e garantir que temas relevantes não sejam apenas informados, mas vivenciados e discutidos pelo público.

## Referências

ANDERSON, C.; BELL, Emily e SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, ano 2, São Paulo, p. 30-89, abril/maio/junho 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.197-221.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: sete características que marcam a diferença**. Covilhã, UBI: LabCom, 2014.

COSTA, Ana Luiza Martins. Via e viagens: a elaboração de “Corpo de Baile” e “Grande Sertão: veredas”. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. Edição Especial

comemorativa dos 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 20 e 21, p. 187-221. São Paulo: Instituto Moreira Salles, dezembro de 2006.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Atica, 2003.

GOMES, Stella. Os manuais de uso de inteligência artificial têm um elemento em comum: o jornalista humano é indispensável. **Observatório da Imprensa**, edição 1296, 11 de julho de 2024. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/inteligencia-artificial/os-manuais-de-uso-de-inteligencia-artificial-tem-um-elemento-em-comum-o-jornalista-humano-e-indispensavel/>>. Acesso: 21 jan.2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JORENTE, Maria José Vicentini. **A emergência do design da informação na contemporaneidade da ciência da informação**. 2 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método, criatividade. 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ROCK CONTENT. Entenda o que são estratégias crossmedia e como aplicá-las em seu negócio, **Blog Rock Content**, 23 out. 2018, atualizada em 12 fev. 2021. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/crossmedia/>>. Acesso: 21 jan. 2025.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTAELLA, Lúcia; MASSAROLO, João; NESTERIUK, Sergio. **Desafios da transmídia**: processos e poéticas. São Paulo: Estação das Letras, 2018.